

# Aula 6: Tempo e o Conceito de Oração

João Paulo Lazzarini Cyrino

17/03/2021

## Funções $\langle t, t \rangle$

Na aula anterior vimos que temos dois tipos de valores no sistema semântico que utilizamos:

- tipo **e**: indivíduos
- tipo **t**: valores de verdade

Vimos também que os predicados são funções que sempre retornam valores do tipo **t**. Além disso, vimos que podemos calcular o significado de uma frase por compor cada tipo  $e$  com uma função que retorne  $t$  (funções  $\langle e, t \rangle$ ,  $\langle e, \langle e, t \rangle \rangle$ ,  $\langle e, \langle e, \langle e, t \rangle \rangle \rangle$ ):

- $\text{João}_e \text{ ama}_{\langle e, \langle e, t \rangle \rangle} \text{ Maria}_e \rightarrow \text{ama}(\text{João}_e, \text{Maria}_e) = 0_t \text{ ou } 1_t$

Alguns predicados, no entanto, podem tomar valores de verdade como argumentos. Vamos pensar no seguinte exemplo:

- Ana acha Maria inteligente.

Podemos entender que existem dois predicados nessa frase, o primeiro, mais óbvio, é **acha**. Vamos pensar quais os argumentos desse predicado. Parece trivial que **Ana** é um deles, já que é a pessoa que acha alguma coisa. Ou seja, para ser verdade essa frase é preciso que Ana pertença ao conjunto das pessoas que acham alguma coisa, ou mais formalmente:

$$\text{acha}(\text{Ana}_e, x) \rightarrow \{0_t, 1_t\}$$

O segundo argumento de *acha*, indicado por  $x$  acima deve estar associado àquilo que é considerado. No caso dessa frase, o que exatamente é considerado? Vamos comparar a frase em questão com a seguinte frase:

- Ana acha que Maria é inteligente

Vocês concordam que, essencialmente, elas significam a mesma coisa? O *Maria inteligente* é o mesmo que *Maria é inteligente* que Ana acha nas duas frases. Formalmente podemos pensar que ambas estão associadas a

$$\text{Maria} \in \text{Inteligente}$$

ou seja, Maria pertence ao conjunto dos inteligentes. Dessa forma, o trecho *Maria inteligente*, ou a oração subordinada *que Maria é inteligente* pode ser entendida como tendo por significado o predicado do conjunto Inteligente aplicado a Maria, ou seja:

*inteligente(Maria)*

Se estivermos corretos quanto a isso, podemos entender que o predicado *Inteligente(Maria)* é o segundo argumento de *acha* na frase *Ana acha Maria inteligente*. Nesse caso:

*acha(Ana, inteligente(Maria))*

Agora, perceba que aqui, *acha* é um predicado do tipo  $\langle e \langle t, t \rangle \rangle$ , ou seja, ele toma um primeiro argumento do tipo *e* (Ana) e um segundo argumento do tipo *t*, ou seja o predicado *inteligente(Maria)*, que é traduzido em linguagem natural por *Maria inteligente*.

Em sintaxe chamamos esse predicado *inteligente* de predicativo do Objeto, já que – para a gramática tradicional – apenas *Maria* é o objeto do verbo *acha*. Do ponto de vista do significado faz mais sentido considerar que o próprio objeto do verbo *acha* é a estrutura prediativa *Maria inteligente (inteligente(Maria))*.

## Oração

Anteriormente comparamos as frases:

- Ana acha Maria inteligente
- Ana acha que Maria é inteligente

Dissemos que ambas possuem um significado muito semelhante que pode ser representado por *acha(Ana, inteligente(Maria))*. Em sintaxe tradicional, no entanto, as duas frases possuem uma diferença: a primeira é composta de uma oração e a segunda é composta de duas orações.

**Nota** Há algumas gramáticas que consideram *Maria inteligente* como uma oração reduzida...

Um dos maiores desafios em sintaxe é definir exatamente o que é uma oração. E, até agora, vimos que semanticamente tudo o que queremos é ter um predicado que nos dê um valor de verdade. Uma primeira candidata a definição do que é uma oração poderia ser exatamente essa: a presença de um predicado semântico saturado (com todos os argumentos preenchidos).

Porém, vemos que uma mesma oração pode conter mais de um predicado semântico, como no caso de *Ana acha Maria inteligente*.

Então o que seria exatamente uma oração? Se começarmos a procurar definições em gramáticas tradicionais, vamos nos deparar com definições bastante verbocêntricas de oração, definido as orações de acordo com a presença do verbo. Mas esse tipo de definição gera confusão, pois há frases de uma só oração com mais de um verbo, etc.

Existe algo que realmente é importante para que uma oração exista como tal, trata-se do *tempo*. Todo enunciado linguístico, ao menos em português, precisa carregar uma informação temporal. Também em português, o verbo costuma ser o responsável por carregar essa informação. Dessa forma, podemos dizer que: se há um verbo finito (não no infinitivo), temos informação temporal e, portanto temos uma oração.

Semanticamente podemos considerar o *tempo* como um predicado por si só, um predicado do tipo  $\langle t, t \rangle$ . Ele tomará o valor de verdade dos predicados semânticos da frase e atribuirá um valor de verdade para a validade daqueles predicados no tempo.

Dessa forma, a diferença entre *Ana acha Maria inteligente* e *Ana acha que Maria é inteligente* é que, na primeira a verdade da frase é avaliada dentro de um só tempo e na segunda, há a possibilidade de expressar dois tempos, um para o achar, e outro para o ser inteligente. Veja:

- Ana achou que Maria seria inteligente.
- Ana achou Maria inteligente

Alterando o tempo de cada oração podemos ver que elas deixaram de ser equivalentes. Podemos pensar no significado de cada uma como:

- **Passado**(achar(Ana, **Fut.Pret.**(inteligente(Maria))))
- **Passado**(achar(Ana, inteligente(Maria)))

Note que na primeira expressão, temos que **Fut.Pret.**(inteligente(Maria)) figura como argumento de achar. Isso se deve ao fato de que *que Maria seria inteligente* é uma oração **subordinada** e, portanto, precisa ser argumento de algum predicado na oração principal.

## Tempo e verbos de ligação

Verbos de ligação são confusos porque costumemente nos induzem a considerar predicativos como sendo objetos desses verbos. Por exemplo:

- O cachorro é grande.

É comum que se cometa o *erro* de análise de dizer que *é* é o verbo e *grande* é o objeto. No entanto, se pensarmos no significado, essa frase está associada ao pertencimento de *o cachorro* ao conjunto dos *grandes*, ou seja, o significado da frase é

- grande(o cachorro)

Por esse ponto de vista fica claro que o predicado semântico aqui é *grande* (predicativo do sujeito). Aí a pergunta: o que fazemos com o verbo *é* então?

O verbo *é* e qualquer verbo de ligação é simplesmente nossa informação de tempo. Sucede que em português, apenas verbos podem carregar essa informação de tempo. Então, quando temos uma oração sem verbo, ou que o predicado principal não é um verbo, o verbo de ligação aparece para carregar a informação de tempo.

Perceba que algumas línguas não possuem essa restrição. Em turco, por exemplo, qualquer palavra pode carregar tempo. Dessa forma veja que:

- Eu sou professor → Öğretmen**im** (1pessoa, singular, presente)
- Eu era professor → Öğretmen**dim** (1pessoa, singular, passado)
- Eu quero → ister**im** (1pessoa, singular, presente)
- Eu queria → isted**im** (1pessoa, singular, passado)

Nesse caso, não faz sentido falar de verbo de ligação nessa língua e muito menos definir orações em torno dos verbos. A oração ocorre quando temos atribuição de um significado de tempo para uma proposição.

Como podemos considerar tempo um predicado do tipo  $\langle t, t \rangle$ , podemos dizer que o verbo de ligação é um predicado equivalente à desinência temporal dos verbos. Se quisermos representar isso semanticamente podemos simplesmente nomear esse predicado pela designação do tempo (Presente, Passado, Futuro), ou utilizando o verbo de ligação ou a desinência de tempo:

- Eu comprei um carro → -ei(comprar(Eu, um carro)) *ou* passado(comprar(Eu, um carro))
- Eu fui engenheiro → fui(engenheiro(Eu)) *ou* passado(engenheiro(Eu))

**Prática:**

- Maria é inteligente
- Você acha Maria inteligente.
- Eduardo pensa que você acha Maria inteligente.
- O cachorro estava cansado.
- O gato sabia que o cachorro estava cansado.
- Ela viu ele chegar.
- Ela viu que ele chegou.